

SAUSSURE E A QUESTÃO DO SUJEITO FALANTE

Karen Alves da SILVA¹

RESUMO: A obra de Ferdinand de Saussure tem sido reconhecida por definir, a partir de método e conceitos, a língua enquanto objeto de estudo da Lingüística. Para delinear esse objeto, essa teorização afastou de seu enfoque as questões concernentes à fala e, conseqüentemente, ao sujeito falante. Nesse trabalho, procuramos questionar a efetividade desse afastamento e refletir sobre a possibilidade da posição de sujeito falante estar também relacionada ao âmbito da língua.

Palavras-chave: Saussure; Língua e fala; Sujeito falante.

ABSTRACT: The Saussure's work has been recognized for defining, based on method and concepts, the language (*langue*) as the study's object of Linguistics. To describe this object, the Saussurian theory removed away from its approach the questions related with speech and, consequently, with speaking subject. We draw some considerations in this paper about this removal and the possibility of the speaking subject position to be attached with the language (*langue*).

Key-words: Saussure; Language and speech; Speaking subject.

1. Deslocamentos conceituais necessários: linguagem, língua e fala

A Ferdinand de Saussure, comumente, é atribuído o mérito por ter efetivamente inaugurado um novo modo de conceber os estudos da linguagem. Todavia, o próprio Saussure não pode desfrutar deste mérito: o texto fundador da lingüística moderna, o *Curso de Lingüística Geral*, cuja autoria é atribuída ao genebrino, só foi publicado em 1916, uma obra póstuma constituída a partir da complicação e sistematização das notas dos alunos de Saussure e as do próprio mestre.

Bally e Sechehaye foram os editores do *Curso* que marcou a história da ciência da linguagem, mas, apesar das discussões sobre a autoria, é a Saussure que a gênese da lingüística moderna é reputada. Como pontuou Silveira (2003, p. 24; adaptado), “Saussure pode ser reconhecido na edição, ou seja, a recriação não foi capaz de eliminar os ecos do mestre em seus alunos mesmo que esses se revelem esparsos (difundidos)”.

De fato, essa é uma atitude razoável, pois foi o genebrino que articulou muitas das importantes mudanças metodológicas e conceituais que vieram à tona, com o *Curso*, em 1916.

¹ Bacharel e mestre em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Dedicou-se ao estudo de temas relacionados à teoria lingüística, especialmente aqueles concernentes às elaborações de Ferdinand de Saussure, tais como anagramas, teoria do valor, *Curso de Lingüística Geral*, manuscritos saussurianos. Atualmente, é doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, e bolsista do CNPq (processo 142205/2009-5), e, enquanto tal, desenvolve um projeto de pesquisa intitulado “Sobre a constituição da noção de sujeito falante em Saussure”, sob orientação da professora Maria Fausta Pereira de Castro. Além disso, integra o Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (GPAL).

Mesmo que muitos dos temas abordados por Saussure circulassem em pesquisas da época, esse autor estabeleceu uma forma radicalmente diferente de se observar a língua e a linguagem ao se descolar de uma abordagem histórico-comparatista e propor uma análise sistêmica-estrutural.

Por causa do *Curso*, Saussure foi reconhecido pela geração que o sucedeu como “fundador” da ciência lingüística, além dessa obra ter permitido o surgimento do estruturalismo europeu e ao mestre figurar entre os autores que propiciaram o alçamento da Lingüística como ciência piloto para as ciências humanas.

Também em decorrência da existência e circulação do *Curso de Lingüística Geral*, o trabalho de Saussure, durante anos e ainda hoje, é conhecido pelas dicotomias que esse autor propôs em seu trabalho – dentre elas, destacamos especialmente *língua e fala*, *sincronia e diacronia*, eixos *associativo* e *sintagmático*².

Detectar essas dicotomias certamente é possível, mas reduzir as articulações do mestre a uma “abordagem binária” não seria suficiente para esmiuçar um trabalho inovador e altamente complexo. Nas últimas décadas, o esforço de empreender uma análise não reducionista da obra desse autor ganhou vigor e a discussão dos postulados do genebrino, nos últimos anos, se impôs no cenário acadêmico mundial.

Após os anos 60, trabalhos sobre as elaborações do mestre mostraram-nos a importância de tratar o pensamento de Saussure de modo não reducionista. Estudiosos, como Godel (1957), De Mauro (1967), Engler (1968), Calvet (1975), Culler (1976), Gadet (1987), Starobinski (1971), Parret (1993[4]; 1995[6]), Trabant (2005), Fehr (2000), Normand (2000), Bouquet (2000), revelaram a inconsistência de tomar as articulações saussurianas, sobre as questões concernentes à língua e à linguagem, como apenas uma “aproximação do tipo binária” (Normand, 2004, p. 121).

Motivada por esse contexto de rediscussão da teorização de Saussure, nossa empreitada tem como objetivo lançar luzes sobre uma das facetas da obra do mestre: a constituição da noção de *sujeito falante*. Esse tema se nos impôs na sua complexidade à medida que progredia nosso trabalho com os novos manuscritos saussurianos, os quais não apontam a dicotomia *língua e fala* enquanto algo tão estável como foi posto pelas leituras

² A dicotomia língua e fala desenvolveremos ao longo desse trabalho. Quando às outras duas, a dicotomia sincronia *versus* diacronia refere-se, respectivamente, à divisão entre o estudo do aspecto estático da língua (de um estado de língua) e o estudo das evoluções dos termos na linha histórica do tempo; já a dicotomia existente entre os eixos associativo e sintagmático diz respeito à separação entre as relações que se formam “mentalmente” entre os termos (relações associativas) e as relações de encadeamento linear entre as unidades do sistema lingüístico (relações sintagmáticas).

rasas da obra de Saussure. Se esse corte não é tão fácil como foi aparentemente pressuposto até então, como se constitui a noção de *sujeito falante* que desse corte depende?

Empreender uma reflexão não reducionista da obra saussuriana, não é apenas prestar tributo a quem é reconhecido como fundador da Lingüística, mas é uma tarefa a ser executada por essa ciência, haja vista que o projeto científico desse autor abriu caminho para que ela se instaurasse. Mais do que isso, pelo fato de as elaborações saussurianas terem caráter inacabado – Saussure vacila em relação às definições que propõe, muda seu ponto de vista, reformula, se contradiz – e pela dificuldade em lidar com os manuscritos, devido às rasuras e às ausências que contêm, as formulações de Saussure continuam a ser um terreno altamente fértil para a investigação. Como diz Parret (1995[6], p. 85; trad. nossa), ao se referir os manuscritos de Harvard: eles são um “<<inesgotável tesouro>>”.

Nesse contexto, procuramos não adotar uma linha teórica específica, mas nos orientamos pelos conceitos propostos pelo genebrino. Afinal, como nosso intuito é percorrer a obra de Saussure para analisar a formulação do conceito de *sujeito falante*, consideramos adequado nos orientarmos pelo modo de fazer ciência do mestre e pelos conceitos que ele propôs. Em outras palavras, adotamos o mesmo ponto de vista de Saussure sobre *língua, fala, sujeito falante*, dentre outros aspectos relevantes.

Nesse sentido, para compreender a questão que se apresenta a respeito da constituição da noção sujeito falante, faz-se necessário entender como figura essa noção em relação ao corte *língua e fala* e, portanto, retomar esses conceitos.

Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral* (2001 [1916]), nos informa que existe a língua, enquanto algo que é passível de classificação e que não se confunde com a linguagem, e a fala, como a faceta da linguagem que pertence ao campo daquilo que não se pode classificar (acidental). Menciona o genebrino: “com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (Saussure, 2001 [1916], p. 22).

No universo dos fenômenos da linguagem, é a língua que importa para Saussure: “existe, no conjunto de coisas conhecidas, alguma coisa que possa ser comparada com exatidão à língua?” (Saussure, 2004, p. 174). Nesse contexto, o genebrino toma a língua como o objeto da lingüística porque ela se deixa classificar e não se confunde com a linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções, necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o

exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro, de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (Saussure, 2001 [1916], p. 17).

A *língua*, mais do que fato destacável dentre os fatos humanos e conjunto de convenções adotadas pelo corpo social para exercer a faculdade da linguagem, “*c’est ‘un système de signes’ reposant sur une image acoustique. C’est l’association d’une idée avec un signe arbitraire qui est l’essence d’une langue*”³ (Saussure, 1989, p. 46, *apud* nota de Francis Joseph; destaque do autor). Ao estabelecer que a língua é um sistema composto de signos lingüísticos que são “concretudes” psíquicas, duais e arbitrárias⁴, Saussure abre caminho para que o cerne de seu construto se configure: o signo e seus constituintes não possuem materialidade em si mesmos, mas são valores estabelecidos pelas/nas relações de valor do sistema lingüístico.

(...) é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas ela *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte, ela implica a existência de outros *valores* (Saussure, 2004, p. 30; destaques do autor).

Nesse contexto, a língua é uma *mediação semiológica* (Parret, 2006⁵) de valores inter-relacionados: a *fala*, como a faceta da linguagem que pertence ao campo daquilo que não se pode classificar (acidental⁶), não pode ser objeto da lingüística saussuriana.

A fala é (...) um ato individual da vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (Saussure, 2001 [1916], p. 22).

³ “é um sistema de signos que repousam sobre uma imagem acústica. É a associação de uma idéia com um signo arbitrário que é a essência de uma língua” (trad. livre nossa).

⁴ “(...) as duas partes do signo são igualmente psíquicas. (...) Os signos lingüísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações (...)” (Saussure, 2001[1916], p. 23). “O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, como entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer simplesmente; *o signo lingüístico é arbitrário*” (Saussure, 2001 [1916], p. 81; destaque do autor).

⁵ Termo usado pelo prof. Herman Parret em seminários ministrados no IEL/Unicamp de 16 a 24/10/06.

⁶ “Com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (Saussure, 2001 [1916], p. 22).

Essa dicotomia entre *língua* e *fala* se fez necessária, pois é por ela que, como diz De Lemos (2009, p. 02), “a lingüística é inaugurada ao definir seu objeto, ao separar a língua da fala, separação essa que veio a ser traduzida como fronteira entre o analisável e o não-analisável e que, por sua vez, passou a incidir sobre o normal e o patológico, o adulto e a criança”.

Efetivamente, mesmo que hodiernamente a lingüística, através de alguns de seus ramos de estudo, se dedique à análise da fala enquanto um objeto científico passível de observação, no momento em que escrevia Saussure a determinação de um objeto específico para a ciência da linguagem se impôs. Essa necessidade de determinação fez com que o mestre cunhasse a dicotomia língua e fala para que o objeto da lingüística fosse delineado.

Mas, o próprio Saussure pontua que a fronteira entre o âmbito social e o individual é “questão difícil de destrinchar” (Saussure, 1989, p.284, *apud* nota de Émile Constantin; trad. livre nossa). Dessa forma, a dicotomia *língua e fala*, mesmo tendo sido um corte teórico necessário para que o construto saussuriano se estabelecesse, pode não ser tomada enquanto algo absolutamente estável e não passível de questionamentos e reformulações. Então, se há, como afirmou Godel (1957 *apud* Bouquet, 2000, p. 272), uma “fronteira turva” entre língua e fala, como fica o estatuto do sujeito falante, já que “na parte executiva [na fala] 1º o *indivíduo* permanece *senhor*” ? (Saussure, 1989, p. 40; destaques do autor). É a lançar luzes sobre essa questão que nos dedicaremos.

2. O sujeito falante saussuriano

Diante da dicotomia língua e fala, o *sujeito falante* seria, do ponto de vista estabelecido pela tradição de leituras de Saussure, aquele que usa a língua para as manifestações de sua vontade que, segundo o *Curso*, são expressas pela *fala*. Nesse contexto, esse sujeito configura-se como *sujeito falante* por residir somente no campo da *fala*. No *Curso de Lingüística Geral* (2001 [1916]) essa determinação fica bastante clara, a saber: a execução “é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos de *fala* (*parole*)” (Saussure, 2001 [1916], p. 21).

Não só no *Curso* a ligação entre fala e sujeito falante está suficientemente explícita, mas também nos *Escritos de Lingüística Geral* (2004). Esses *Escritos* são um conjunto de notas, as quais foram organizadas e publicadas por Bouquet e Engler e pelas quais podemos ter acesso à teorização de Saussure existente além do *Curso*. Nessas notas, o sujeito falante também é afastado do campo da língua: “não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado,

formas novas (...) que ele proponha (prometa) a ‘colocar’ em seu próximo discurso” (Saussure, 2004, p. 87).

No âmbito da língua, o sujeito falante seria apenas seu passivo depositário. Segundo o *Curso*, “a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente” (Saussure, 2001 [1916], p. 22). Desse modo, os sujeitos falantes, expostos à língua, registram em seus cérebros o sistema gramatical lingüístico, mas não interferem no funcionamento desse sistema: o tesouro lingüístico é depositado em cada falante sem que este intervenha.

Assim, a noção de *língua* submetida à vontade do indivíduo deve ser questionada, pois o *sujeito falante* é aquele que emerge pela esfera do não homogêneo, individual e momentâneo, ou seja, que emerge pela *fala*. Em outras palavras, nas formulações de Saussure, o *sujeito falante* é aquele que figura na esfera da *fala* e comparece na singularidade de um ato de fala.

Est de l'Individu, ou de la Parole:

a) *Tout ce qui est Phonation*, b) *tout ce qui est combinaison*. – *Tout ce qui est Volonté*.

Dualité :

<i>Parole</i>	<i>Langue</i>
<i>volonté individuelle</i>	<i>passivité sociale</i>

*Ici pour la première fois question de deux Linguistiques*⁷ (Saussure, 1989, p. 42, destaques do autor).

Como diz Parret (2003, p. 62; trad. livre nossa), esse suposto afastamento do sujeito da teorização saussuriana é tamanho que “um certo estruturalismo dos anos 50 e 60 tinha a tendência de petrificar as articulações em Saussure ao insinuar que a filosofia saussuriana proclama a <<morte do sujeito>>”. De fato, para algumas linhas estruturalistas que surgiram após a aparição do *Curso*, a primazia dada à língua enquanto objeto de pesquisa foi tal que a fala e o sujeito falante foram apartados dos estudos realizados. Todavia, essas linhas não só adotaram uma posição radical quanto ao afastamento da fala e do sujeito falante, mas indicaram que Saussure tinha autorizado essa radical separação.

Entretanto, não é essa posição radical que encontramos tanto no *Curso* quanto nos *Escritos*. A separação entre língua e fala foi necessária para o estabelecimento de um objeto científico para a lingüística, em face da falta de metodologia dos estudos da época em que escreveu Saussure. Mas o mestre reconhece a possibilidade de estudos científicos com a fala:

⁷ É do Indivíduo, ou da Fala: a) tudo isso que é Fonação, b) tudo isso que é combinação. – Tudo isso que é Vontade. Dualidade: Fala – Vontade individual / Língua – passividade social. Aqui pela primeira vez questão de duas Lingüísticas (trad. livre nossa).

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes, uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e implicam mutuamente; (...) (Saussure, 2001 [1916], p.27).

Mais do que isso, o próprio Saussure (1989, p. 283-284, *apud* nota de George Dégallier) questiona-se, a respeito da divisão entre língua e fala: “Toda frase será um sintagma. Ou a frase pertence à fala e não à língua. Ou objeção: os sintagmas não pertencem à fala e não estaríamos misturando as duas esferas sintagma-associação?”.

Nesse contexto, a princípio, diante do corte entre língua e fala, não caberia ao *sujeito falante* qualquer participação ativa no tocante ao campo da *língua*, mas como a fronteira entre o que é da *língua* e o que é da *fala* permaneceu como algo turvo e de difícil estabelecimento, a posição desse sujeito também restou passível de questionamento. Um trecho do texto feito por Saussure para a primeira conferência na Universidade de Genebra em novembro de 1891 nos permite refletir sobre a posição do sujeito falante:

Os fatos lingüísticos podem ser tidos como o resultado de atos de nossa vontade? Tal é, portanto, a questão. A ciência da linguagem, atual, lhe dá uma resposta afirmativa. Só que é preciso acrescentar, imediatamente, que há muitos graus conhecidos, como sabemos, na vontade consciente ou inconsciente; ora, de todos os atos que se poderia pôr em paralelo, o ato lingüístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica [de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos (Saussure, 2004, p. 132).

Se o *sujeito falante* é, de acordo com Saussure, o senhor da parte executiva da linguagem e é na fala que esse sujeito pode manifestar as expressões cunhadas por sua vontade, como sustentar que o ato lingüístico é irrefletido e impessoal? Afinal, a princípio, o fato lingüístico é acontecimento de *língua* e, portanto, não estaria submetido à vontade individual; por outro lado, o ato lingüístico é execução da *língua* pela *fala* e, enquanto tal, diz respeito justamente àquilo que é individual.

Atribuir ao *sujeito falante* vontade e particularidade é colocá-lo na esfera de um sujeito psicológico, o que é incompatível com o construto saussuriano. Todavia, seria possível apagar esse sujeito da esfera da língua? Os *Escritos de Lingüística Geral* (2004), ao

conceituar a forma, acabam por dar indícios mais precisos a respeito da posição do sujeito falante no tocante à língua.

Segundo os *Escritos*, o sujeito falante seria aquele que percebe as figuras vocais. Assim, mesmo que a língua esteja alocada na massa social, ela demanda um corpo (de um sujeito) para que efetivamente exista e produza efeitos concretos. O sujeito falante, portanto, não poderia ser apenas uma figura da cadeia de comunicação, como se ele fosse um objeto decorativo envolto por sistemas abstratos (língua e fala), mas esse sujeito seria responsável pela percepção daquilo que é da língua por meio da fala. Observe o que pontua os *Escritos*:

Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é determinada, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. Ela não é nada mais; assim como não é nada menos. Ela não tem, necessariamente, “um sentido” preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que é; (...) (Saussure, 2004, p. 37).

Desse modo, a existência da forma lingüística – que não é apenas uma manifestação acústica aleatória, mas uma figura própria para a língua –, solicita a presença de um sujeito falante que a perceba. No texto, não está em questão se essa percepção é algo consciente ou inconsciente e não é nossa tarefa nesse momento implementar essa discussão. O importante é notar que a língua necessita de um sujeito falante que percebe e essa percepção é muito precisa, a saber: “A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (ou seja, o sujeito falante) não percebe nem a idéia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a / A* (...) Ele só percebe, na verdade, a relação entre duas relações *a/AHZ* e *abc/A*, ou *b/ARS* e *blr/B*” (Saussure, 2004, p. 39).

Nessa esteira, os Manuscritos de Harvard, um conjunto de manuscritos saussurianos sobre fonética e mitologia, apontam para a presença de uma *orelha* “que pode naturalmente decidir sobre semelhanças, identidades e diferenças de percepções” (Saussure *apud* Parret, 1993-1994, p. 99; trad. livre nossa). Ou seja, estamos diante de uma “orelha contextualizadora” (Parret, 1993-1994, p.105) que capta o fenômeno psíquico-acústico e que analisa esse material.

Essa *orelha*, para nós estaria muito próxima à posição do *sujeito falante*: ela decide/julga o que é da língua a partir da fala. Todavia, “a orelha não é nem objeto nem sujeito, é um Terceiro” (op.cit, p. 106). Ou seja, ela é uma faculdade que permite ao homem adentrar a linguagem: “é pela *orelha* que o sujeito falante adquiriu a língua” (op.cit., p.95).

Poderíamos aproximar o *sujeito falante* da *orelha* a medida em que essa compõe o *sujeito falante*: esse sujeito está dotado de uma “orelha contextualizadora”. Mas cabe ao

sujeito perceber, através da orelha, o que é da fala para que haja o que é da língua. Assim, a orelha permitiria ao sujeito falante discriminar as imagens acústicas e desencadear a associação entre essas imagens e os conceitos. Desse modo, através da orelha, o sujeito falante permearia o campo da língua, já que a orelha não só decodifica, ela permite que se haja a ligação entre significados e significantes, que se instale o discurso.

Nesse contexto, a posição do sujeito falante não seria tão estanque com relação à língua como afirmavam aqueles que atribuíram a Saussure a morte do sujeito. Efetivamente, estamos diante da necessidade de um corpo e o próprio genebrino é categórico nesse sentido: “para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (Saussure, 2001 [1916], p. 19). Ou seja, para que haja língua, é necessária a existência da massa social, pois a língua é um fato social; mais do que isso, é preciso que haja indivíduo, o sujeito falante.

O afastamento do sujeito falante na teorização saussuriana, portanto, pode ser questionado a medida em que, efetivamente, sem sujeito falante, não há língua. A teorização privilegia a língua enquanto objeto de análise e essa é uma escolha metodológica plausível. Todavia, não significa que a teoria não se seja interrogada pela presença de um sujeito falante que se faz necessário para as práticas lingüísticas.

2. Considerações finais

A lingüística saussuriana, desde o seu surgimento, tem sido reconhecida por definir, a partir de método e conceitos, o objeto de estudo da ciência da linguagem, a saber, a língua. No esforço de delinear esse objeto, essa teorização afastou de seu enfoque as questões concernentes à fala e, conseqüentemente, ao sujeito falante.

Restou a esse sujeito a posição de senhor da parte executiva da linguagem e, enquanto tal, não poderia interferir com sua vontade nas relações do âmbito da língua. Dessa forma, aquilo que é da ordem própria da língua só diria respeito ao sujeito falante a medida em que esse sujeito é receptáculo passivo do sistema lingüístico.

Todavia, apesar da dicotomia língua e fala ter sido necessária para o estabelecimento da lingüística moderna, afirmar que Saussure proclamou a morte do sujeito não seria a posição mais adequada, haja vista que a sua teoria, a todo o momento, se vê interrogada pela presença do sujeito falante.

Esse sujeito é aquele que percebe e que, através da orelha, decide sobre semelhanças, identidades e diferenças de percepções, ou seja, que analisa o material lingüístico posto a sua

disposição. Esse sujeito, portanto, não é apenas uma figura decorativa posta no circuito de fala, mas é aquele que percebe as relações diferenciais existentes no sistema lingüístico.

REFERÊNCIAS

BOUQUET, S. (1997). **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

DE LEMOS, C. T. G. Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa lingüística. REBELO, L. (org.) **A pesquisa em Letras e Lingüística em tempos de pós** (a sair). Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, a publicar.

PARRET, H. Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 49, 1995-1996, p. 85-119.

_____. Les manuscrits saussuriens de Harvard. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 47, 1993-1994, p.179-234.

NORMAND, C. (2000). **Saussure**. 2^é ed. Paris: Belles Lettres, 2004.

SAUSSURE, F. (1968). **Cours de Linguistique Générale** – edição crítica por Rudolf Engler. vol 1, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989 [1968].

_____. (1916). **Curso de Lingüística Geral**. 23^a ed. BALLY, C.; SECHEYAHE, A. (orgs.) Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2001 [1916].

_____. (2002). **Escritos de Lingüística Geral**. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (orgs.). São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 2003.